

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Populor (6.0.)

Class.: 57

Data: 16 de agosto de 1980

Pg.: \_\_\_\_\_

# Acary culpa Governo pela crise no Xingu

Para o professor Acary Passos, da Universidade Federal de Goiás, o conflito existente entre fazendeiros e índios Txucarramãe na reserva Nacional do Xingu, tem como grande responsável o governo do Estado de Mato Grosso e a Sudeco, que venderam as terras dos silvicultores e construíram a BR-080. Explicou ainda que, se a situação persistir, o conflito poderá atingir maiores proporções vez que pelo menos dois mil índios vivem na região.

Indiretamente, o Governo e a Funai também estão sendo acusados pelos fazendeiros, que alegam ser proprietários das terras em litígio desde 1960, um ano antes da criação da reserva. Para o fazendeiro Luiz Carlos da Silva Lima, residente em Goiânia e proprietário da gleba onde 11 pessoas foram mortas, funcionários do Governo reconheceram ontem essa incoerência.

### AS RAÍZES

Segundo Acary Passos, que conviveu com os Txucarramãe por cinco anos, o conflito surgiu com a construção da BR-080. A Sudeco a planejou para uma região de espigões e que não afetaria a região da caça dos índios, mas a construiu quase na cozinha da única aldeia da nação.

"Ninguém sabe explicar o porquê da mudança. O certo é que a aldeia foi dividida em duas. O líder radical Rauli não aceitou a construção no local, subiu o Rio Xingu e montou outra aldeia que passou a ser integrada por 450 dos quase mil índios. Segundo ele as duas aldeias ficaram distantes dois dias de viagem de barco motorizado. A aldeia Jarina, próxima à cachoeira Von Martieus, ficou sob a liderança do cacique moderado Krumaro e a aldeia Kretire sob a liderança de Rauli".

Há cinco anos Krumaro, considerado moderado, teve o primeiro conflito com fazendeiros da região. Certo dia, quando cacava, descobriu um rancho recém-construído e o destruiu. Dias depois ele voltou ao local e foi ameaçado por três peões que roçavam a mata. Krumaro voltou à aldeia e chamou 10 guerreiros. Voltaram ao rancho, mataram dois dos peões e enviaram uma mensagem pedindo ajuda à tribo de Rauli.

Só nessa época é que os índios descobriram os males que a rodovia levou à reserva. "Os Txucarramãe não são agricultores, vivem apenas da caça e da coleta de frutos silvestres. Com a presença das máquinas que construíam a rodovia os animais procuraram outros locais e os índios ficaram só com os frutos. Isto eles só descobriram depois que a rodovia já estava pronta. Antes, receberam os brancos construtores com festas. Não havia clima de beligerância". Agora, segundo o professor, os silvicultores estão adotando uma medida defensiva e rejeitam os fazendeiros da região porque suas má-

quinas - serras motorizadas, tratores e motores - poderão causar-lhes os mesmos prejuízos.

Para que o conflito não se estenda mais, segundo Acary, será necessário que a Funai regularize, com urgência, a reserva do Xingu e exerça uma fiscalização constante para que novas fazendas não ameacem a sua sobrevivência. Caso os brancos tentem revidar o ataque, que sofreram, pelo menos mil guerreiros das nações Kayabi, Juruna, Suya e Kreen-Akore entrarão na luta porque todos repudiam a presença dos brancos na região e desejam que a BR-080 seja desviada para o curso previsto inicialmente.

### FAZENDEIROS

Pelo menos em um ponto os fazendeiros são unânimes com o professor Acary - o problema é do Governo, que criou a reserva sem indenizar os fazendeiros que ali estavam quando o parque foi criado. Entretanto são contrários à mudança da BR-080 e à exigência feita pelos índios, de que quinze quilômetros à margem direita do Rio Xingu, sejam considerados área neutra, para que a caça existente nas matas à esquerda permaneça.

Em reunião realizada anteontem, em São José do Xingu, os fazendeiros propuseram a funcionários da Funai, do SNI e do Estado de Mato Grosso, a construção de 50 quilômetros de cerca às margens da atual rodovia, com placas indicativas a cada 500 metros; construção de um quartel com capacidade para abrigar pelo menos 50 soldados e cercar a reserva com recursos próprios. Entretanto duas propostas enviadas pelos índios não foram aceitas: "O parque deve ficar como está e a rodovia não deve ser mudada", teimam os brancos.

Nenhuma das propostas, tanto dos índios como dos fazendeiros tiveram ainda uma resposta ou contra-proposta. "Se o Governo atender às reivindicações dos índios, estará premiando-os por terem matado 11 brasileiros", explicou o advogado Luiz Carlos, proprietário de dois mil 420 hectares.

### O INCIDENTE

O ataque feito pelos índios, contado por um sobrevivente, teve a participação de aproximadamente 100 Txucarramãe e um homem branco. Eles chegaram na mata que estava sendo derrubada, ordenaram aos brancos que ficassem só de cuecas e de joelhos. Pediram para que outras pessoas que estavam próximas fossem trazidas enquanto ficaram vigiando e conversando com os 11. Quando os outros peões aproximavam-se, deram início à matança. Os empregados correram pela mata e após dois dias chegaram a São José onde comunicaram o fato a Benedito Holanda que os contratara para derrubar 100 hectares de mata.



CARISMA FURLAN

O cacique Rauli e um funcionário da Funai, no Xingu, em 1975